

Schreber, um estudo sobre a paranoia e a violência

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

O presente trabalho visa a uma recapitulação de pontos essenciais da autobiografia de Schreber, baseada principalmente em suas memórias e relacionada com obras de vários autores como Freud, Castoriades-Aulagnier, Lacan, Santner, Arendt, Carone, Zizek e outros. O assunto relaciona-se com a paranoia e a origem da violência, vista tanto do ponto de vista da ontogênese como da filogênese. Examinam-se, com certa atenção, as consequências do abuso em um sentido amplo e do trauma e suas impossibilidades de elaboração, com o retorno do forcluído e a cisão do eu.

Palavras-chaves: Schreber, paranoia, homossexualidade, agressividade e violência, projeção, elaboração, forclusão.

* Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

1 Introdução

“A ordenação vem de Deus”. Epístola aos romanos citada por Thomas Mann (*Doutor Fausto*, 1947, p. 63).

O presente estudo visa a relacionar algumas hipóteses de Freud contidas em seu trabalho *O problema econômico do masoquismo* (1924) com outras contidas em *Totem e tabu* (1912-13) sobre o surgimento da moral e da ética, todos estes em estreita relação com o Schreber de Freud (1911), a autobiografia de Schreber (1903) e vários outros autores que estudaram este personagem. A referida autobiografia causou-me um progressivo assombro, penso que na medida em que foi também progressivamente entendida e seus nexos fizeram para mim um razoável sentido. Trata-se de um primeiro capítulo bastante incompleto de um estudo que se faz necessário sobre a paranoia e a violência, assunto de imensa importância contemporânea.

Em 1924 Freud nos propõe que o princípio do prazer é promovido de guardião da vida psíquica para guardião da vida em geral. A condição de que tal desenvolvimento se processe reside no fato de que grande parte do sadomasoquismo originário é desviada, projetada para fora promovendo o espaço psíquico representacional não sem a destrutividade, restando como resíduo o masoquismo erógeno originário, “testemunho e resquício da antiga fase tão essencial para a vida, em que houve um amálgama entre pulsão de morte e Eros” (p. 110). Este seria o primeiro enlace do tipo narcisista que ampararia a libido em suas inúmeras fases organizacionais e que, em sentido mais estrito, resultaria na instituição dos registros do imaginário e do simbólico (Lacan, 1953-54). Caso tais sucessos se executem de forma parcial ou não se executem, a dor e o desprazer terão metas em si próprias e não resultarão em alarmes ou sinais para a conservação da vida (enlaces narcisistas). O masoquismo erógeno, portanto, participaria de todas as formas evolutivas da libido, “extraindo delas suas variadas e cambiantes roupagens psíquicas” (Freud, 1924, p. 110), resultado claro da projeção e da constituição de representações.

Entendemos, portanto, que este ato projetivo original é fundamental na ontogenia dos espaços psíquicos e suas decorrentes posições relacionais. Portanto, Eros e pulsão de morte expressam-se permanentemente nesta equação dialética agora descrita como espaço psíquico representacional e destrutividade. Neste sentido esta projeção impede que o eu fique paralisado à mercê da pulsão de

morte. Certamente é a interação adequada da criança com o contexto primitivo que promove e facilita a conquista dos referidos espaços psíquicos.

No texto, de 1912-13, *Totem e tabu*, mais especificamente no quarto ensaio, Freud nos propõe hipóteses sobre a filogenia da moral e da ética. Assim, baseado em vários autores, dentre os quais Darwin, Atkinson, Lang, Robertson Smith e Frazer, Freud estabelece uma dedução histórico-conjetural de um parricídio primordial do qual resultariam o estabelecimento da exogamia e do totemismo, este o primeiro representante de toda lei primordial que interditaria o incesto e fundaria os espaços psíquicos e a temporalidade linear da incipiente família humana. Tais situações emergem como um *après coup* primordial. Assim o supereu herdaria capacidades protetoras e também cruéis nas quais decretaria a morte do eu como organização representacional em determinadas circunstâncias, como a do incesto, por exemplo. Toda sentença teria em seu âmago uma sentença de morte. Esta seria também a origem do imperativo categórico kantiano (Freud, 1924).

Estes aspectos são, do meu ponto de vista, fundamentais na apreciação da autobiografia de Schreber. “Não duvido que por trás de todo crime se oculta uma tragédia pessoal”, assim se expressa Alice Miller em seu ensaio sobre Adolf Hitler (1985, p. 176). Poderíamos acrescentar, com Freud, que todo delírio revela um fragmento de verdade histórico-vivencial (*Historisch*) (1937). A tragédia pessoal (assassinato da alma) demonstra a impossibilidade pessoal de elaboração do trauma onto e filogenético, a impossibilidade da configuração dos espaços psíquicos e da instituição do recalçamento com a degradação consequente, através da psicose e da compulsão à repetição, dos traumas padecidos.

2 Sobre as memórias de um doente dos nervos

Além dos aspectos conhecidos, isto é, que pertenceu a uma família protestante, tendo sido criado de uma forma muito rígida sob o comando de um pai certamente despótico, médico e ortopedista que lhe aplicou seus aparelhos de postura e sua *pedagogia negra* e que acabou vitimado por um deles, chama a atenção que sua primeira internação, aos quarenta e dois anos, na clínica de Flehsig (outubro, 1884), em Leipzig, com diagnóstico de grave hipocondria, ocorreu exatamente após sua humilhante derrota nas eleições parlamentares alemãs. Qual a razão do seu pedido, nesta ocasião, para que o fotografassem inúmeras vezes? Seria uma tentativa de restabelecimento de sua imagem corporal desintegrada como acontece em inúmeras paranoias e hipocondrias, talvez resultado de sua

humilhante derrota? A imagem fotografada poderia paralisar a iminente decomposição do eu?

Há também referências vagas a uma crise de hipocondria ocorrida seis anos antes (1878), por ocasião do seu casamento. Em 1884 a senhora Schreber já havia sofrido dois abortamentos espontâneos e certamente isto deve ter contribuído para seu sentimento de humilhação e derrota como homem e pai, já que provavelmente sentia-se endividado com o próprio pai no sentido de gerar descendente. O melhor período de sua vida, segundo o próprio Schreber, seguiu-se a sua primeira internação que durou cerca de seis meses e apenas foram turvados por mais quatro abortamentos espontâneos totalizando seis. Sua fotografia constitutiva do lugar de pai, já combatida, não foi restaurada.

Alguns anos depois, em 1893, foi notificado de sua nomeação para o cargo de *Senatspräsident* da corte de Dresden, um posto excepcionalmente elevado para sua idade de cinquenta e um anos. Cargo máximo, nomeado diretamente pelo rei, não admitia recusa. Internado (seria esta a recusa?) em novembro de 1893, sob os cuidados novamente de Flechsig, recebe o diagnóstico de *dementia paranoides* e permanece internado por mais nove anos. Percebemos que a fotografia de pai maior, o cargo de *Senatspräsident*, também não foi possível constituir-se. Segundo Santner (1996) o momento social alemão no qual Schreber foi nomeado era de grande antagonismo muito próprio para que *algo de padre existente na lei* começasse a vazar, expressado, através do delírio de Schreber, como sua *Alemanha particular*. A violência se avizinhava graças à decadência e à hipocrisia do poder (Arendt, 1970). Relembremos que um dos delírios de Schreber era de que seu corpo estava progressivamente apodrecendo e adivinhamos o extremo ódio e decepção com a pedagogia paterna hipócrita através destas impossibilidades.

Em uma das cartas redigidas em italiano em Sonnenstein, Schreber se assina *Paul Höllenfürst*, Paul príncipe dos infernos (Carone, 1995). Talvez, dentro do seu delírio, para combater Deus, teria que reproduzir a queda de Semael, o arcanjo de doze pares de asas. Tais sugestões estão de acordo com Freud (1911, p. 37) quanto ao assassinato da alma perpetrado, na cabeça de Schreber, por Flechsig, “ato este que pode ser semelhante aos empenhos de Lúcifer e de demônios de apoderar-se de sua alma e que talvez tenham seus modelos em processos ocorridos entre membros há muito falecidos das famílias Flechsig e Schreber”. A carta é endereçada ao senhor Ormuzd, deus superior. Travava-se, portanto, de apelo e luta contra Deus, neste tempo primordial e sagrado da queda. Posteriormente modifica sua hostilidade e, no mesmo tempo primordial, transfigurando-se na mulher de Deus (novembro de 1895) e de acordo com a nova *ordem do mundo*,

será fecundado por raios divinos e gerará uma nova humanidade de schreberianos (Carone, 1995), restabelecendo a figura do pai como coadjuvante na criação desta nova raça de homens. Em junho de 1896 é transferido para uma cela protegida devido aos seus urros, provável identificação animal, urros estes desta criança que se encontra na iminência de sofrer o *assassinato da alma*, perdendo sua subjetividade humana e transformando-se em animal. Adquire novamente a tranquilidade com sua progressiva *transformação* em mulher, o que não deixa de ser uma conciliação para ainda manter viva sua alma, agora como mulher e não animal.

O ano de 1899 é marcante, pois, além de escrever cartas de uma forma mais ordenada, inicia suas demandas junto à justiça para reverter sua curatela e começa a escrever suas memórias, verdadeiras cartas de acusação ao pai. As mesmas serão publicadas em 1903, apesar dos protestos da família. Após a alta hospitalar, adota uma menina órfã e mantém com a mesma uma excelente relação. Solicita sua reintegração nos quadros do Ministério da Justiça, o que é lhe negado.

Três eventos ocorridos em 1907 contribuíram para o recrudescimento de sua doença e sua definitiva internação. A morte da mãe em maio deste ano, certamente uma mãe frágil e incapaz de proteger o pequeno Daniel Paul contra as demandas *posturais* de um pai pedagogo e totalitário, um acidente vascular cerebral de sua esposa em novembro do mesmo ano e, segundo algumas pesquisas, o convite em novembro feito pelas Associações Schreber para que legitimasse tal associação como a verdadeira Associação Schreber. Talvez pudéssemos inferir que esta foi a derradeira impossibilidade de ser, de uma ou outra forma, o pai, ou defender-se de sê-lo. Hospitalizado em estado gravíssimo no sanatório *Dösen*, padece de um estado hipocondríaco de grande magnitude e sua frágil imagem de homem se desfaz definitivamente. Falece dia 14 de abril de 1911, mesmo ano da publicação por Freud do seu notável trabalho.

3 Alguns dados mais específicos recolhidos da autobiografia de Schreber

Passo agora a detalhar com mais profundidade alguns aspectos que me chamaram a atenção em sua autobiografia.

Sobre a carta aberta datada de março de 1903 e dirigida a Flechsig, Schreber solicita apoio deste como testemunha da veracidade de sua criação religiosa e delirante. Tal testemunho resultaria de um contato hipnótico em que os nervos de uma pessoa seriam influenciados e aprisionados por outra, inicialmente entre o

próprio Schreber e Flechsig, posteriormente com Deus. Freud (1921), num capítulo destinado ao enamoramento com o ideal, alude à hipnose e à telepatia, mas é o aprisionamento que nos chama a atenção. Schreber sente-se prisioneiro de seu ideal, inicialmente Flechsig, posteriormente Deus. Ainda sobre este aspecto pertence a questão: que tipo de amor conduziu o pequeno Daniel Paul a uma situação tão insolúvel? Certamente, como diz Schreber na sua introdução (1903), se a alta era requerida para viver no seio dos seus, em particular de sua esposa, ser mulher de Deus pertenceria ao tempo e lugar sagrados, a este amor aprisionador, enquanto que o relativo à sua esposa e família corresponderia ao profano do cotidiano. Estes espaços sagrados foram obtidos por revelação em linguagem pouco acessível aos humanos, a língua fundamental. Revelam, antes de tudo, a fixação na figura do pai que fascina e, ao mesmo tempo, exerce um poder abusivo e hipócrita sobre o pequeno Daniel Paul.

É impressionante a descrição do que conceituamos como a impossibilidade de distinção entre alucinações e representações advindas da percepção da realidade (juízo de realidade) através do fenômeno descrito como *homens feitos às pressas*. Estes eram projetados no espaço por breve tempo, com os mesmos não havia condição de se estabelecer uma conversação, pois nada sensato poderia advir da mesma, eram pessoas mortas ou pessoas que haviam sofrido transmigração de almas. Pareciam *bonecos miraculados*, projetados por milagre divino. Tinham *vida de sonhos*. Podemos perfeitamente entender como o juízo de desestimação (forclusão) decompõe o juízo de realidade (não é verdade o fim-de-mundo) criando o espaço alucinatório como forma de sobrevivência, confundido com o espaço real, revelador do espaço mental de Schreber carregado de mortos, expressão da catástrofe do fim do mundo. A regressão do eu e da libido criam a condição do estabelecimento do espaço alucinatório (Freud, 1917). Extremamente aguda é a compreensão de Schreber da ressurreição de Jesus Cristo como *homem feito às pressas* (Carone, 1995). Através dos nervos o contato permanente com Deus é mantido e, quando Schreber deixa de pensar, Deus afasta-se, o que ocasiona seus urros, como se fosse um idiota ou um animal (Schreber, 1903), o que aponta para seu desamparo primordial. Apesar da submissão e do abuso, este seu Deus ainda lhe fornece um lugar existencial no mundo delirante, e pensar revela um traço de humanidade sobrevivente.

Se, numa excitação particularmente intensa num homem vivo, a atração que esta exercesse sobre os nervos de Deus operasse com força anormal, Deus estaria ameaçado em sua própria existência, o que não deixa de ser um paradoxo em relação ao fenômeno acima descrito. Certamente ocorreria com Deus o que acontece com Schreber quando perde a existência própria na sua fusão com o

mesmo, isto é, a dissolução da objetividade-subjetividade. Portanto, Schreber sobrevive entre os extremos da intrusão e da ausência. O *assassinato da alma* passivamente vivido por Daniel Paul, tornar-se-ia ativo como Freud propõe (1915a) e acarretaria o assassinato de Deus. Trata-se de algo análogo ao sentimento oceânico descrito no primeiro capítulo do *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930). Schreber o descreve não com esta nomenclatura e sim através da fusão dos nervos puros com Deus e da constituição dos *vestíbulos do céu* em estado de *beatitude*, isto é, um estado de gozo ininterrupto (1903); portanto, uma espécie de sobrevivência.

Todas essas situações ocorreriam especialmente com *cadáveres*, isto é, após a morte. Com os homens vivos, como o próprio Schreber, isto resultaria no *assassinato da alma*. Todas estas expressões em itálico advêm da *língua fundamental*, um alemão arcaico (os alemães são o povo eleito de Deus no tempo de Schreber), somente falada por Deus e necessária à purificação. Esta linguagem fundamental, carregada de eufemismo, abriga opostos numa só palavra, como a linguagem arcaica dos povos. Está excluída do princípio de não contradição. Assim, as almas que não tinham sido purificadas não eram denominadas de almas não provadas e sim de almas provadas de acordo com os eufemismos (1903). As almas em processo de purificação eram denominadas de satãs, diabos, diabos auxiliares, diabos superiores, diabos inferiores, de acordo com o grau de purificação, todos tementes a Deus, com raras exceções. Podemos supor que uma das exceções é quando se denomina de *Paul Höllenfürst*, Paul, o príncipe dos infernos. A expressão mais acabada do seu conflito com Deus aparece quando assim se assina promovendo-se a um anti-herói à altura do combate com Deus. As vozes lhe diziam claramente que era Schreber e não Flechsig *o verdadeiro príncipe dos infernos* condenado a ser queimado vivo e a sucumbir diante de Deus (1903). Se diabos apareciam como homens feitos às pressas, tinham uma coloração vermelha e odor repugnante (a cozinha do diabo no sanatório Pierson).

A citação sobre Richard Wagner em seu *Tannhäuser*, de que, no auge do êxtase amoroso – “Ah, mas continuo mortal e para mim é imenso teu amor; um deus pode gozar sempre, mas eu estou sujeito a transformações” (1903, p. 39) – nos revela que o momento do gozo confunde-se com a parada do tempo e a abolição do espaço, com o retorno do *sagrado*. É neste sentido que a *beatitude* é constituída de um gozo ininterrupto. O fato de que as almas conservassem sua autoconsciência durante um tempo, de acordo com sua vida na terra e que todas fossem perdendo progressivamente tal autoconsciência revela o sentido regressivo e o sentido progressivo da subjetivização do desenvolvimento do eu e das organizações libidinais. Seria a refundição ao *oceânico* de Freud (1930), e podemos pensá-la

como uma defesa trágica (forclusão) contra os sofrimentos infligidos ao pequeno Daniel pelos métodos pedagógicos executados pelo pai e por uma mãe pouco protetora e depressiva. Como manter a subjetividade diante de tamanha dor? É o triunfo da *Verwerfung* (Freud, 1818), ou, como quer Lacan (*Seminário*, livro 1), a morte do pai como lei estruturante exatamente, supomos, porque esta se torna abusiva e hipócrita.

Entramos assim no capítulo II, uma crise dos reinos de Deus? Assassinato da alma. O capítulo I, Deus e imortalidade da alma, diz respeito à *ordem do mundo*, uma *construção prodigiosa* (1903). É a *fratura* desta *ordem do mundo*, desta construção prodigiosa que se vislumbra agora. Tal fratura, que é determinada pelo assassinato da alma, origina-se da luta entre almas que já haviam deixado a vida. Na circunstância mais recente, da luta entre as famílias Flechsig e Schreber, ambas pertencentes à alta nobreza celeste. A descrição refunde, no atual Dr. Flechsig, personagens supostos de seus antepassados, alguns deles como diabos auxiliares por haverem cometido o assassinato da alma. A aparição regular do assassinato da alma baseia-se em lendas e sagas difundidas em todos os povos, como afirma Schreber (1903) e leva-nos a fatos ocorridos tanto no espaço filogenético revelado pelo mítico quanto no espaço trágico do pequeno Daniel Paul, suposto em sua ontogenia. O autor remete-nos à luta das almas celestiais por poder e à conseqüente extensão do assassinato de sua pessoa.

Freud (1912-13), baseado em Darwin, remete-nos à horda primitiva e ao assassinato do pai primordial (*Urvater*), pai este que cometia o *assassinato de alma* (filicídio), já que castrava (desumanizava) todos os desejos de sua descendência. A dialética entre o assassinado e o assassino revela-se no fato de que “de um tempo para cá, numa inversão deliberada da situação, se quer me fazer passar por aquele que cometeu assassinato de alma” (1903, p. 44). Podemos inclusive fazer-nos a pergunta: qual é o crime que Schreber teme ou ao qual se credencia? Este fato o impediu de se constituir o *Senatspräsident* da corte de Dresden? Assim, é através desta luta celestial entre os Schreber e os Flechsig que Schreber entra em contato com os nervos dos antepassados Flechsig: “Alguém com o nome Flechsig [...], conseguiu *abusar* de uma conexão nervosa” (1903, p. 44)¹. Este abuso é, de fato, um aprisionamento através da fascinação e da retenção de raios divinos. Este alguém estava representado por um homem de espírito elevado dedicado à prática do tratamento dos nervos. Um médico, portanto, como seu próprio pai, dado a prescrever medicamentos e ensinamentos pedagógico-posturais. Assim, na língua fundamental, os sanatórios são denominados *sanatórios*

¹ Grifos meus.

dos nervos de Deus (1903). A absorção de Deus por esta pessoa (Flechsig) estabeleceu-se por uma “espécie de conjuração entre tal pessoa e elementos dos reinos anteriores de Deus contra a estirpe dos Schreber” (1903, p. 46). É Schreber que se sente impedido de ser pai e prosseguir na criação de uma estirpe ou se constituir um *Senatspräsident*.

Ao trecho inadequado para publicação (1903) segue-se algo sobre a técnica usada pelo *assassino de alma* acrescentada ao relato. Podemos inferir que o capítulo III, censurado pelos editores, referia-se a técnicas de abuso perpetradas no seio de sua família original. Tal abuso, portanto, confunde-se também com algo ocorrido no tempo primordial sagrado quando o tempo profano não fora ainda inaugurado ou, se o fora, estava desconstituído. O fato de que tal assassino não mantinha uma relação de conhecimento profundo de Deus, Deus agora como juiz ou totem do qual também emana a justiça primitiva, pode ser demonstrado porque, se tivesse tal conhecimento, “não poderia pensar em atentar contra a alma de outrem” (1903, p. 47), de acordo com a moral religiosa vigente. Aqui, portanto, Deus é elevado a uma posição de juiz e de totem, ao início da interdição do incesto, castração e assassinato, como propõe Freud (1912-13). Veremos como este Deus vai progressivamente se confundindo com o abusador, revelando sua natureza antitética e como, para preservá-lo, Schreber torna-se a mulher divina do mesmo.

Dentro da cosmogonia de Schreber, Ariman e Ormuzd pertencem aos reinos posteriores de Deus, o primeiro inferior e o segundo superior. Ambos estão contrastados com os reinos anteriores, isto é, com os vestíbulos do céu, pelos quais as almas provadas são incorporadas (1903). A dialética entre assassino e assassinado também se revela pela conjunção de Schreber com Deus por mais de seis anos e pela perda de toda a beatitude de Deus, de tal modo que os que morreram ou morrerão ficam incapazes de obtê-la. Isto causa um grande mal-estar em Deus e contínuos pedidos de socorro emitidos por pedaços de nervos destacados da massa global (seria o pequeno despedaçado solicitando socorro para não naufragar no aprisionamento fascinante do abusador e a percepção do sentimento de culpa por parte do abusador?). Portanto, o sentimento de fim de mundo é vivenciado por Schreber e também por Deus neste confronto sagrado e celestial no qual não haverá ganhadores e, sim, somente perdedores. Tal confronto é único até o momento e supostamente jamais se repetirá em toda a história universal, até porque se vive no tempo sagrado e não no tempo profano da objetividade-subjetividade. Há certa verdade neste fato, pois a história de Schreber para si mesmo não deixa de ser única, embora repita situações históricas conjunturais que também se sucederão. Note-se que a violência e destrutividade incidem tanto no eu quanto no mundo projetado e criado por Schreber. Todo o capítulo III está *interditado* à

publicação. As razões muito provavelmente obedecem às mesmas causas que as sugeridas há pouco.

3.1 A estada na clínica de Flechsig

Nos capítulos que se seguem veremos exemplos do referido como língua fundamental ou língua dos nervos, “da qual, via de regra, o homem não é consciente” (p. 61). Tal língua pode aparecer por hipnose e, no caso de Schreber, é incitada a partir do exterior, pois as representações-coisa inconscientes foram recusadas e expelidas como nos dá a entender Freud (1915b). Podemos, portanto, supor que o desaparecimento da subjetividade-objetividade é devido à prevalência dos juízos de atribuição em detrimento dos juízos de realidade. Os raios divinos eram os portadores desta linguagem, inicialmente a partir do prof. Flechsig e ulteriormente diretamente através de Deus. Como a linguagem advinda dos raios era cada vez mais atentatória, teve lugar a *coaço* a pensar como defesa diante da linguagem intrusiva. Era, portanto, impossível não pensar sob pena da execução do assassinato de alma, tornando-se assim o sono muito difícil. Quem era este intruso abusador, um nazista, o *Urvater*, oriundo tanto de dentro como de fora? O pensar tornava-se incompleto, e a palavra que faltava era completada pelas vozes que emanavam dos raios, testemunho da intrusão. O exemplo dado por Schreber é a pergunta: – “*Por que não diz?*” (subentende-se em voz alta) e a resposta dada pelos mesmos como se fosse de Schreber: “*Porque sou um idiota*”. E isto é altamente vergonhoso (1903) e é resultado do abuso. A maquinação contra Schreber se expressava, através das vozes, por corporações católicas, judaicas, eslavas e de estudantes. Não havia, portanto, saída. Flechsig havia participado das mesmas. Progressivamente, membros de sua família, mãe, esposa e sogro, juntamente com amigos da infância e um príncipe passeavam na sua cabeça e deles também emanavam as vozes e as perseguições. Os perseguidores se multiplicavam por replicação em todas as direções.

O milagre da *emasculação* do qual pereceria e que estava de acordo com uma nova *ordem do mundo* era comandado por Ariman, já que Ormuzd relutava em aceitá-lo, pois se posicionava de acordo com a ordem da masculinidade. O milagre consistiria na introversão dos órgãos sexuais masculinos e sua transformação em femininos e estava associado a uma nova humanidade, já que a primeira pereceria sob as ordens de Deus (assassinato de almas). Cabia ao *judeu errante* a liderança da emasculação, já que o mesmo deve ter sido emasculado, transformado em mulher, para gerar filhos. Thomas Mann assim se expressa sobre o sentido místico da emasculação (pacto de fidelidade com Deus):

o sacrifício sangrento da circuncisão não tem apenas uma conexão física com a emasculação. A santificação da carne significava tanto o fato de tornar-se casto, como a oferta da castidade em sacrifício; por outras palavras, tinha um significado feminino (Mann, 1933, p. 65).

Os votos de castidade e celibato dos sacerdotes católicos possuem certamente fundamentos desta ordem.

O mal-entendido fundamental consistia em que, Deus, de acordo com a *ordem do mundo*, não conhecia o homem vivo e somente se relacionava com cadáveres (1903). Foi, então, tramado, juntamente com o Prof. Flechsig, um sistema de manobras que visavam a confiar a um homem (Flechsig) sua alma (Schreber) e transformar seu corpo em uma mulher que seria entregue a tal homem primeiramente com fins de abuso sexual (assassinato da alma). Finalmente seria largado, abandonado à putrefação. Nesta primeira etapa da *ordem do mundo*, nem a alma de um homem num corpo de mulher escaparia ao assassinato. Isto era perfeitamente esperado pelo prof. Flechsig, via conexão nervosa e expressado na língua dos nervos:

que o próprio Deus fosse cúmplice, senão investigador, do plano que visava o assassinato de minha alma e o abandono do meu corpo como uma prostituta feminina é um pensamento que só muito mais tarde se impôs a mim e que em parte, seja-me permitido afirmar, só me veio claramente à consciência durante a redação do presente ensaio (1903, p. 69).

Portanto, neste momento, era sua subjetividade masculina que estava ameaçada de assassinato. Assim o próprio Deus se colocava fora da *ordem do mundo*, coagido e aliciado que fora pela alma impura (provada) do prof. Flechsig. Desta forma fracassariam todas as tentativas de cometer o assassinato da alma, de emasculação para fins contrários à *ordem do mundo*. A nova *ordem do mundo* que contemplava a sobrevivência de sua alma no corpo da mulher de Deus deveria triunfar, embora ainda estivesse distante e seriamente ameaçada. Explica-se em nota a exceção a esta assertiva, isto é, a emasculação com outros fins, a uma nova *ordem do mundo*. Note-se o intenso desespero do pequeno Daniel Paul diante do abuso invasivo (assassinato da alma), no qual não se sente protegido pelo pai (mãe), sucumbindo às atrocidades abusivas de todos os tipos e encontrando paz apenas com a futura nova *ordem do mundo*.

Um aspecto interessante presente de uma forma mais clara no capítulo VI é que Schreber pergunta-se, de forma mais insistente, se o sobrenatural vivenciado

corresponde de fato a uma realidade histórica vivencial (1903). Freud (1918) buscou insistentemente tal realidade (*Wirklichkeit*) no *O homem dos lobos* onde o fato em si agravava sobremaneira, do seu ponto de vista, o fantasiado. Não podemos de forma nenhuma afastar tais situações numa configuração clínica tão mais grave como a de Schreber. O abuso real, de uma forma ou outra, tingiu indiscutivelmente seu vivenciar.

Como consequência da ligação já indissolúvel entre Schreber e Deus, através dos raios, lhe ocorreu a representação de um fim do mundo, da perda completa de sua subjetividade (1903). Seriam planetas, verdadeiras constelações que deveriam ser abandonadas. No mito contemporâneo do *Super-man*, para que o herói se constitua, deverá ser ejetado do planeta Cripton onde permanecem e morrem seus aristocráticos pais. Ocorre um fim de mundo para que o herói se constitua. Este se refere, no caso de Schreber, à dissolução do seu tempo e espaço vivencial real que são preenchidos pelo mito heroico de sua permanente ligação com Deus, certamente como defesas extremas diante do catastrófico desamparo. São inúmeras as referências a estas imaginações delirantes e restitutivas: Vênus é inundada, o sistema solar está desatrelado, a constelação Cassiopéia condensa-se num único sol, aparecem dois sóis no céu etc. O único homem verdadeiro que restou com a dissolução do mundo é o Schreber heroico. Os demais personagens são homens feitos às pressas. Habita, portanto, uma paisagem devastada e sobrevive em formas transgênicas mutantes: “Céus, é um homem com várias cabeças!” (1903, p. 79). Ocorre uma verdadeira batalha celestial entre ursos negros com olhos em brasa, ursos brancos, homens amarelos de estatura inferior. Sua cabeça torna-se banhada por um halo de luz (afluência maciça de raios) semelhante a Jesus Cristo. Com uma coroa de raios torna-se o maior vidente de milênios, dissolve-se progressivamente a oposição entre “tempos sagrados e tempos não sagrados” em benefício irrestrito dos primeiros (1903, p. 81). Trata-se de um verdadeiro filme de ficção moderno onde o herói penetra através de um portal num mundo sagrado e mítico com fins de reconstituição do universo destroçado e violentado por vírus e alienígenas.

No capítulo VII prossegue; após a leitura num jornal sobre sua morte, conclui que “não deveria mais pensar em retornar à sociedade humana” (1903, p. 85). Sua existência agora passa a ser épica e mítica no tempo e espaço sagrados. Interessante que Flechsig, nesta época, também havia morrido, isto é, se suicidado com um tiro. O cenário agora era inteiramente celeste. A gravidez com Flechsig, que se autodenomina de *Deus Flechsig*, passa a ser possível e aparece metaforicamente na forma com que a alma de Flechsig habitara, durante certo tempo, o corpo de Schreber. Era como uma bola ou novelo bem volumoso de

algodão ou teia de aranha que, por milagre, fora lançado em seu ventre e expulsado pela boca. Lembra o mito de Crono no qual o mesmo engolia os filhos e, posteriormente, os devolvia pela boca (Hamilton, 1942). Deparamo-nos com a reconstituição do mundo profano destroçado através do sagrado.

Esta era a época do *primeiro julgamento de Deus*. Este consistia na

ideia geral de que ao povo alemão, em particular à Alemanha evangélica, não poderia ser mais concedida a hegemonia, enquanto povo eleito de Deus, depois que, do interior do círculo do povo alemão, através do conflito surgido entre o professor e eu, surgiu uma crise perigosa para a subsistência dos reinos de Deus; os alemães talvez até devessem ser excluídos no caso de ocupação de outras ‘esferas cósmicas’ (planetas habitados?), *enquanto não surgisse um líder (Führer) do povo alemão que demonstrasse a subsistência de sua dignidade. Esse líder seria eu mesmo ou outra personalidade indicada por mim, e, em seguida, dada a insistência das vozes que falavam comigo em conexão nervosa, indiquei os nomes de uma série de homens notáveis, em minha opinião adequados a tal batalha*” (1903, p. 86)².

Estaria Schreber, neste momento, expressando sua decepção com o poder hipócrita alemão? Este líder destruiria toda civilização mal composta e instituiria um reino de bem-aventurança por mil anos, transformando-se num líder totalitário e sanguinário?

O drama épico de Schreber fazia-o supor que lhe seriam atribuídos, por transmigração de almas, papéis de uma *hiperboreana*, de um *noviço de jesuítas em Ossegg*, de um *prefeito em Klattau*, de uma *jovem alsaciana que teria que defender sua honra sexual contra um oficial francês vitorioso* e de um *príncipe mongol*. Vejam-se as condensações de vários aspectos da organização libidinal, de acordo com vários ideais, com fins de defesa diante do assassinato de sua alma. As razões deste drama épico eram de que, como hiperboreana, manteria a radiação solar, já que se avizinhava uma nova glaciação (a mulher de Deus faria surgir uma nova geração após a glaciação destrutiva através de seu calor), como noviço jesuíta ou prefeito manteria o predomínio alemão, já que o protestantismo cedia terreno ao catolicismo, e como príncipe mongol asseguraria a manutenção hegemônica da Alemanha, caso os arianos não pudessem fazê-lo, preservando os reinos divinos. À jovem alsaciana, além de todos os papéis descritos, caberia a

² Grifos meus.

transformação da mulher comum na esposa de Deus (hiperboreana) (1903).

A extinção dos *relógios do mundo* (tempo profano) se deu paralela ao afluxo contínuo de raios, com grande volúpia feminina (retorno ao ventre materno) em rara abundância sobre seu corpo. Eram vivos apenas o próprio Schreber e um padre jesuíta que deu início à *maldita brincadeira com os homens* (restos do assassinato da alma). Eis sua oscilação entre a mulher de Deus e a prostituta. Sua pele, então, adquiriu a suavidade feminina em um corpo agora feminino (1903). Tais momentos nesta época contradiziam a *ordem do mundo* e implicavam em inconveniências para com Deus. O deus responsável por tais radiações era Ariman, o deus inferior. Ormuzd, o deus superior, manteve-se à distância de tais fatos. É evidente a dissociação do pai (abusador e protetor). Juntamente com estas situações diminuiu significativamente o número de soníferos, pois seu sono *tinha se tornado um sono de raios*. Provavelmente, pouco a pouco, fazia as pazes com sua feminilidade, preservando sua alma, embora, juntamente com as mudanças de seus órgãos sexuais, ocorresse todo tipo de sintomas mórbidos. Associados ao fim de mundo, a hipocondria manifestava-se agudamente como putrefação do corpo e exalação de maus odores, causada pela peste e pela lepra. Os *raios nocivos* causavam tais degenerações, combatidas pelos *raios benéficos*. Assim, seu sono era interrompido frequentemente pela sensação que seu corpo ficaria largado e abandonado, pois, com a emasculação, apodreceria como uma prostituta do sexo feminino. O assassinato de sua alma poderia ser concebido através da destruição do seu entendimento, tornando-se ele um imbecil. A batalha ocorrida nos últimos dias da clínica Flechsig foi vencida pela pureza de seus nervos femininos contra escorpiões falantes, jesuítas, negritude de certas almas impuras, muitas delas advindas do inferno de Flechsig e comandadas pelo próprio (1903).

3.2 A estada no sanatório do Dr. Pierson

O capítulo VIII refere-se a esta estada do seu internamento. O mais temível perigo da última estada na clínica de Flechsig era que seu corpo se transformaria numa mulher degradada e seria entregue a abusos sexuais aos guardas do sanatório. Segundo suas vozes, o seu próximo destino era conhecido como *cozinha do diabo*. Nesta época (duas semanas), foram cometidos, segundo seu relato, os milagres mais absurdos e desatinados. Em nenhum outro lugar houve tamanha profusão de *homens feitos às pressas*. No *estábulo* os mesmos se acotovelavam como pacientes em completo silêncio e punham-se a andar no salão de cabeças trocadas, várias delas muito familiares a Schreber. A ascendência revelada por números aponta para uma verdadeira escala da onipotência de Deus. A transmigração das almas

era a explicação mais plausível para todo o séquito em permanente mutação: uma verdadeira profusão de homens feitos às pressas. Portanto, o fim-de-mundo se consumava, perpetrava-se o assassinato de sua alma e a sobrevivência apontava para uma verdadeira transgenia de almas.

Sua estada no sanatório Pierson prossegue com a participação numa verdadeira batalha celeste entre almas que se opunham a Deus lideradas pelas almas de Flechsig e von W. Ambas estavam divididas em inúmeras partes para preencher todo o céu e, certamente, constituíam-se através de uma replicação incessante. Assim, os raios de Deus, atraídos por seu corpo, encontravam por todos os lados resistências. Tais almas *provadas* (impuras) exerciam atração sobre seu corpo com o fim de interceptar os raios divinos que sobre ele incidiam (provenientes provavelmente do aspecto protetor do deus Ormuzd). Também os funcionários do sanatório, particularmente o enfermeiro-chefe, passaram a deter poder sobre o corpo de Schreber. Nota-se, portanto, claramente o conflito entre a emasculação contra a ordem do mundo executada pelas almas provadas e seus asseclas sob o comando de Ariman (prostituta feminina) e a emasculação que virá a favor da nova ordem do mundo decretada pelo triunfo de sua feminilidade e apaziguadora da desamparada alma de Schreber, que encontra assim uma defesa delirante contra o abuso traumático e sistemático (acasalamento com Ormuzd). Era a insurreição das almas, lideradas pela alma Flechsig, contra a onipotência de Deus e a nova ordem do mundo. Isto não impedia o conflito entre a enfatuação professoral das almas Flechsig e o orgulho aristocrático das almas von W. Através de impressões suprassensíveis teve notícias da *beatitude do luar*, uma verdadeira teia de virgem que envolvia seu corpo (retorno ao ventre materno). Após o fim do mundo, novos homens schreberianos, de estatura menor, seriam criados. Primeiramente num corpo cósmico distante, corpo no qual Schreber seria elevado à categoria de *santo nacional*. Teve evidências de tudo isto por carregar tais homens em seu ventre, *carne de minha carne, sangue do meu sangue*, portanto, o que facilitaria reconhecê-los diante de falsificações. Neste sentido poderíamos nos perguntar qual o destino de tais filhos, já que os mesmos seriam *carne de minha carne e sangue do meu sangue*. O poder sobre os mesmos coincidiria com o do *Urvater*? Estaríamos autorizados a supor um poder semelhante ao do Conde Drácula sobre toda a sua estirpe? (Machado, 2011b). E o destino dos impuros, qual seria? Freud assim se expressa: “A emasculação deixa de ser insultante, torna-se de acordo com a ordem do universo, ingressa num vasto nexo cósmico, serve ao fim de recriação do universo humano sepultado” (1911, p. 45). Não esqueçamos que o deus de Schreber, além de não aprender com a experiência, nada sabia dos homens vivos, somente sabia tratar com cadáveres (Freud, 1911).

Neste mesmo sentido podemos conceber as ponderações de Canetti, subscritas por Guattari e Deleuze, transcritas por Eric Santner (1996) de que, dentro do delírio fantástico, a construção deste novo universo pode ser consentida como uma fantasia profascista, o universo humano sepultado por suas degradações e impurezas. Talvez a consideração que se possa acrescentar é de que, no paranoico, o cenário é o delírio e, no líder (*Fürher*) totalitário, o cenário é o real social. Também adequada é a interpretação de Niederland sobre a origem da paranoia de Schreber nos maus tratos crônicos impostos por seu pai, Daniel Moritz Schreber, através de aparelhos ortopédicos, interpretação com a qual concorda Alice Miller (1985) em suas considerações sobre a *pedagogia negra*. Teriam tais maus tratos a ver com os delírios de ficar amarrado à terra e de os seus nervos serem esticados ao extremo (aprisionamento), isto é, a perda completa de sua imagem corporal? Já Schatzman, segundo Santner (1996) compondo com Canetti e Niederland, sugere uma associação entre “o despotismo microssocial da família Schreber e o despotismo macrossocial da Alemanha nazista” (p. 9). Este último autor propõe que as crises delirantes de Schreber evitaram que caísse na tentação totalitária, o que, penso, é uma resultante adequada para todo o seu estado.

Seria uma crise performativa de operações simbólicas que invadem de um vazio profundo os sujeitos de uma determinada posição social e de poder na comunidade, desencadeadas pela hipocrisia e podridão social, facilitando a criação delirante do *Urvater*? Tais crises de investimento gerariam sentimentos de extrema alienação, anomia e ausência? Assim a atenuação do poder e da autoridade simbólica desembocaria no colapso social? Não creio que apenas esta explicação seja suficiente para explicar o colapso paranoico. Prefiro pensar com Freud que Schreber, caso assumisse o poder de presidente supremo da corte de apelação de Dresden, estaria sujeito a perder a distância simbólica e metafórica que o cargo lhe conferiria. Penso que este aspecto aparece no delírio de gerar schreberianos num cosmos distante e lá ser eleito seu herói e santo nacional, carregando em seu ventre a *carne de sua carne* e o *sangue do seu sangue*, isto é, o senhor de uma raça pura. Tais aspectos aparecem no cenário do delírio. Somente ali ele pode ser o *Urvater* primitivo da horda. Assim, se tal situação ocorresse no real social, teríamos uma antecipação de Hitler com o extermínio dos impuros. O retorno do forcluído, do recalcado primordial onto e filogenético, foi o *Urvater*, em sua forma predominantemente passiva, emasculado e gerando filhos puros. Este pai primordial retornaria dentro da cosmovisão da sacralidade de centro, de acordo com Eliade (1954) e com o que propõe Geertz como *sacralidade intrínseca do poder soberano* (Santner, 1996). Santner, em suas notas, nos remete a um trabalho

de Umberto Eco de 1995 denominado de *Ur-Facism*. Não o conheço, mas a denominação sugere talvez uma relação com o *Urvater* de Freud em *Totem e tabu*.

Se, de acordo com Santner (p. 174), grande parte do trabalho de Slavoj Žižek destina-se à compreensão e elaboração do que Freud denomina de *recalcamento primário, dessa dimensão tautológica ou circularidade viciada*, embora eu desconheça o real significado que o autor atribui ao conceito explicitado, e se tomarmos uns dos significados de tautologia propostos por Houaiss como “*uma proposição analítica que permanece sempre verdadeira, uma vez que o atributo é a repetição do sujeito (por exemplo, o sal é salgado)*”, não há dúvida que coincidimos aqui com o juízo de atribuição proposto por Freud na *Negativa* (1925). Schreber atinge esta coincidência entre o atributo e o sujeito quando se revela como o santo nacional, com direito de vida e morte sobre seus semelhantes, somente restando ele como o único ser humano vivo cercado de cadáveres e *homens feitos às pressas* e com a incumbência de gerarem uma dinastia schreberiana. Também tal assertiva coincide com Freud quando (1918, p. 109) identifica o núcleo do inconsciente com “*uma atividade mental primitiva que logo a razão da humanidade destrona, razão esta que é preciso adquirir e que em todas as pessoas conserva força suficiente para atrair a si os processos psíquicos superiores*”. Certamente, destes processos psíquicos primitivos destacamos aqui o *Urvater* do *Totem e tabu* (1912-13) com o qual Schreber se confunde no delírio, como foi dito acima, em sua forma predominantemente passiva e feminina. Portanto, o registro do simbólico, o performativo *Senatspräsident* da Suprema Corte da Saxônia cede o lugar e confunde-se com o real primitivo, o *Urvater*. Walter Benjamin assim descreve a lei e a violência como âmago da mesma: “*No exercício da violência sobre a vida e a morte, mais do que qualquer outro ato legal, a lei reafirma a si mesma. Mas, nessa mesma violência, algo de podre na lei se revela*” (Santner 1996, p. 22). Se de fato Schreber assumisse a posição social de presidente da suprema corte, seria ele algo como um herói ou santo nacional que estaria permanentemente atento a detectar os schreberianos impuros? Seria Hitler a ressurreição deste Schreber no plano do real social? Também neste sentido podemos compreender sua impossibilidade e degradação final quando solicitado a avaliar as *verdadeiras associações de Schreber*.

3.3 A estada em Sonnenstein.

Em 29 de junho de 1894 ocorreu a transferência da *cozinha do Diabo* para Sonnenstein, o *castelo do Diabo*. De uma posição degradada a uma posição

principesca. Permaneceu neste último até 1902. Schreber divide esta época em dois períodos:

o primeiro (cerca de um ano) ainda conserva o caráter grave, sagrado, por vezes aterrador, que marcara a minha vida nos últimos tempos da minha estada na clínica Flechsig e na clínica do Dr. Pierson; o segundo (até 1902) ao contrário dirigia-se cada vez mais para os caminhos habituais (para não dizer ordinários) (1903, p. 108).

Do primeiro período ainda prosseguem os delírios descritos da estada no sanatório Pierson. Recebe a visita de sua esposa e fica petrificado diante da mesma. Não a concebia viva e ainda supõe que a alma da mesma queria *deixar-se* fundir com seu próprio corpo (certamente como uma mulher degradada). Supostamente porque a mesma não tivera filhos, mas, sim, abortos, fundir-se-ia também com o feminino para consumir a epopeia da nova ordem do mundo, ou seja, faria o que uma mulher comum não fora capaz, procriar. O resultado disto foi um sono tranquilizador que lhe era devido há muito tempo. Pouco a pouco vai concebendo uma emasculação de acordo com a nova ordem do mundo, para gerar com os raios divinos novos homens schreberianos. As almas impuras sob o comando de Flechsig recorrem a um sem número de artifícios para se defender. Executam *amarrações mecânicas* que lhes possibilitam manterem-se unidas à terra ou a corpos celestes longínquos. Ainda hoje (1902) permanecem tais amarrações mecânicas que, através dos seus nervos esticados, ligam seu corpo à terra e a corpos celestes. Teríamos, neste aprisionamento, uma referência aos aparelhos ortopédicos usados por seu pai? Podemos também supor que o pequeno Daniel Paul, exatamente pela truculenta pedagogia paterna, teve impedida a vivência homossexual identificatória com o pai.

No descrito no capítulo X como *moldagem do estado de ânimo*, extinguiu-se em boa parte a força do *sol* (Ariman) substituído por outro *sol* (Ormuzd). Algumas vezes havia dois sóis, uma evidência de fenômenos maravilhosos que acompanhavam o seu encontro com os reinos posteriores de Deus, já que os anteriores se extinguíam. Um pai é substituído por um novo pai, uma nova *ordem do mundo*. Os intermediários eram progressivamente abolidos. Assim, apareceu-lhe Ariman, o deus inferior. Com uma voz de baixo, eloquente, muitas vezes o chamou com a palavra *puta*, expressão comum quando se tratava da aniquilação de uma pessoa por Deus, pelo antigo *sol* responsável pela primeira *ordem do mundo* (assassinato da alma). Apesar da injúria achou sublime e grandioso o aparecimento de Ariman, principalmente se comparado com a vulgaridade e

fraqueza das almas provadas que, de tanto em tanto, ousavam lhe aparecer novamente. As duas ordens do mundo debatiam-se dentro do seu ser.

A visão de Ormuzd, o deus superior, ocorreu durante o dia, acompanhada de tamanha grandiosidade e magnificência que Schreber não ousou olhá-lo diretamente. Nos dias de hoje (1902) “seus raios empalidecem diante de mim, quando falo em voz alta em sua direção” (Schreber, 1903, p. 121). Já não está subjogado pelo mesmo, pois se trata da mulher de Deus. Revela-se, quem sabe, como a grande deusa Lilith, também grande serpente, dragão (veja-se a condensação com o *Urvater*), a prostituta sagrada (Brunel, 1988). Está, portanto, à altura deste mesmo deus. A imobilidade que lhe era imposta o fora pelos raios divinos e se dava pelo fato de Deus não ser capaz ainda de lidar com homens vivos, apenas com cadáveres. Desejava, portanto, que Schreber se comportasse apenas como um cadáver, assassinado (1903), mas que renascesse na forma de uma prostituta sagrada. Neste primeiro momento Deus não somente o abandona, mas, sim, o crucifica. O pequeno Daniel Paul debatia-se incessantemente face à pedagogia ortopédica do pai.

Muito interessante é a descrição de que os raios divinos se incomodavam com os ruídos (perturbações) e não o próprio Schreber, associado ao sacrifício que fazia para ficar imóvel sob o comando de Deus. Tais fatos duravam semanas e meses a fim de contentar Deus (preservar sua alma), não querendo acreditar em uma má vontade verdadeira de Deus para consigo (1903). Já que não havia saída, contentava-se o tirano, que se transformara no grandioso Ormuzd, com a companhia da grande deusa (Schreber). Tudo isto foi conquistado pouco a pouco através do fenômeno milagroso da *maldita moldagem do estado de ânimo*, assim definido pelas vozes. Estado de ânimo este que o deixava menos infeliz, voltando inclusive, na passagem do ano de 1984 a 1985, a fumar charutos, coisa que não fazia desde muito tempo.

Segue-se um relato dos danos feitos à integridade física por meio de milagres contra sua pessoa que acompanharam as ignomínias sofridas especialmente praticadas pelo enfermeiro M., isto é, *a maldita moldagem do estado de ânimo*. Note-se a ambiguidade que a expressão *maldita moldagem do estado de ânimo* contém. Penso tratem-se aqui das inclusões feitas no delírio de suas sensações hipocondríacas que ainda acompanhavam Schreber neste momento, as quais seriam creditadas à sua masculinidade progressivamente aniquilada e à ascendência da *nova ordem do mundo*:

posso afirmar que não há um único membro ou órgão do meu corpo que não tenha sido durante um tempo prejudicado por milagres, nem um único

músculo que não tenha sido distendido por milagre, para pô-lo em movimento ou paralisá-lo, conforme o objetivo visado, [isto é, a emasculação] (1903, p. 127).

O pequeno Daniel Paul encontrava-se diante da incapacidade de ligar narcisistamente sua imagem corporal. Assim, em relação à emasculação, seus órgãos sexuais, em particular o membro viril, eram amolecidos e se aproximavam da quase completa dissolução. Seus pelos da barba e bigode eram arrancados e, por ordem dos raios advindos de Ariman, sua estatura era diminuída para atingir a estatura feminina. Foi também portador de outro coração e seus pulmões atacados por tuberculose e *vermes pulmonares*. Assim seus lobos pulmonares foram completamente absorvidos e seu diafragma situava-se muito ao alto perto da garganta, mal conseguindo respirar. Tinha a necessidade de reconquistar seus pulmões a cada inspiração. As costelas foram parcialmente destruídas e sofreu o milagre da compressão da caixa torácica. No lugar de seu estômago sadio e normal foi lhe colocado um estômago muito inferior, um *estômago de judeu*. Em outras ocasiões declarava que não podia comer, pois não possuía estômago. Algumas vezes, antes das refeições, era lhe fornecido por milagre um estômago por obra caritativa da alma de von W.. Logo a seguir von W. se mostrava novamente impiedoso e tomava-lhe de volta o estômago emprestado. O esôfago desapareceu e os intestinos foram dilacerados, a laringe mais de uma vez foi deglutida. A alma impura de von W. lhe impunha o milagre da putrefação do baixo ventre e assim padecia de nó nos intestinos (prostituta apodrecida). Os milagres contra o entendimento eram os mais ameaçadores. Seus objetivos eram atingir a cabeça e, durante certo tempo, *homúnculos* eram colocados aos seus pés com o objetivo de bombardeamento da medula espinhal que se esvaía pela boca na forma de nuvens. Os nervos arrancados de sua cabeça logo depois retornavam, pois estes demonstraram ser de uma fortaleza não imaginável. A calota craniana foi serrada várias vezes e os músculos, paralisados para não poder tocar piano e escrever. Além destes, olhos e pálpebras, ossos em geral, cóccix e praticamente todos os órgãos do corpo, como já se disse, foram afetados por milagres advindos das almas Flechsig e von W., capangas de Ariman. E, para que finalmente ocorresse a ressurreição na forma de uma heroína épica, era necessária sua morte e transformação em algo como *Priscila: a rainha do deserto* (1903). Este é o papel redentor de inúmeros delírios religiosos como bem assinala Freud (1911).

Progressivamente divisa-se através do relato de Schreber sua inserção *no caminho habitual (ordinário)* dissociada de sua feminilidade santa. O preço da manutenção de um recalçamento relativo é a cisão do eu exatamente como propõe

Freud (1938, p. 174): “esse resultado tão bem sucedido só foi alcançado ao preço de um rompimento na tessitura do eu, a qual não mais cicatriza, ao contrário, só aumenta na medida em que o tempo passa”. O incremento da sua volúpia feminina associa-se ao fato de duvidar se era verdadeiramente o príncipe dos infernos em conflito permanente com Deus ou a mulher deusa do mesmo. As vozes das almas passaram a ser repetitivas e a distanciarem-se da verdadeira linguagem fundamental (1903).

Um maravilhoso exemplo desta linguagem encontra-se (1903) na descrição sobre o significado de *tirar as botas*. Era uma expressão masculina que queria dizer *aproximadamente* a mesma coisa que emasculação. Ao expressar isto em palavras e ao relativizar o significado, nota-se a progressiva ascendência do recalçamento em um aspecto e a presença da cisão do eu. As atividades de tocar piano e jogar xadrez contribuíram enormemente para sua integração progressiva na vida ordinária. Por isto mesmo as mesmas eram “os principais alvos da maldição” (1903, p. 141). Note-se que a volúpia da alma jamais tinha atingido este grau (1903), certamente por obra da cisão do eu. Outra expressão da ascendência progressiva do recalçamento encontra-se nesta citação:

O sentimento que experimentei ao retomar essa atividade, que me era tão cara quando tinha boa saúde (tocar piano), só posso expressar melhor citando *Tannhäuser*: “um denso olvido foi cavado entre ontem e hoje. Toda minha lembrança rapidamente desapareceu e só uma coisa não posso deixar de recordar: *que perdera já toda a esperança de vos saudar e de erguer para vós o meu olhar*”³ (1903, p. 141).

Note-se o grande sofrimento de Schreber por ter perdido a objetividade-subjetividade e a esperança de restabelecê-la mesmo ao preço da cisão do eu.

Os fenômenos resultantes da volúpia da alma como fatores de atração passam a ser descritos no capítulo XIII. Os sinais de feminização tornaram-se evidentes. Ainda um débil sentimento de hombridade se opunha a tal *milagre* (1903). Apenas alguns dias de observação foram determinantes para “mudar a direção de minha vontade” (1903, p. 147). A emasculação iminente e a transformação em mulher tinham por objetivo a fecundação pelos raios divinos e a criação de novos homens. Tudo isto era facilitado pelo fato de que “não acreditava ainda em uma humanidade real, existente fora de mim, mas considerava todas as figuras humanas que via como “feitas às pressas”” (1903, p. 147-8). Portanto, se

³ Grifos meus.

a humanidade estava destruída neste verdadeiro holocausto sagrado, como mulher de Deus gestaria novos homens de raça pura. Seria Schreber melhor pai-mãe para seus filhos schreberianos? “A partir de então, inscrevi em minha bandeira, com plena consciência, o culto da feminilidade” (1903, p. 148). Assim as vozes que o acusavam de ser uma *prostituta largada* perderam a importância, embora tais locuções se repetissem ainda milhares de vezes.

O resultado progressivo de tal cisão de sua personalidade trouxe “o sono necessário à recuperação dos meus nervos” (1903, p. 148) e a instituição progressiva do recalçamento expressado através da organização do seu lado *ordinário* da vida progressivamente reconquistado. Freud (1917) nos afirma que, para a indução do sono, é necessário que o ser humano se dispa de suas representações psíquicas como o faz com seu corpo. Somente assim recupera a condição fetal de retorno ao ventre materno. Certamente, diante do seu holocausto particular, Schreber desconhecia se poderia retornar de sua regressão, daí a necessidade de manter-se acordado permanentemente, pois seria a condição de permanecer vivo. A oposição de Deus ao seu desaparecimento autônomo encontrava a compensação em sua fusão dentro do corpo de Schreber através da volúpia da alma, reencontrando a beatitude ameaçada. De prostituta ordinária à prostituta sagrada.

A crítica sobre sua transformação em uma mulher sagrada advinha ainda do deus superior Ormuzd, já que o deus inferior dissolvera-se inteiramente em seu corpo (1903). Os milagres do deus inferior “assumiram cada vez mais o caráter de uma travessura inocente” (1903, p. 150), nos revelando também que a cisão do eu correspondera a uma cisão do supereu (Freud, 1927). Ormuzd era o herdeiro da hostilidade e da crítica. Assim *formaram-se dois partidos* (1903), uma frase constantemente repetida que lhe revelava a cisão dos reinos celestiais. O diálogo se processava entre os dois deuses, um como defesa da volúpia e a feminização, outro com a ameaça de perda de todo entendimento e fim-de-mundo (1903). Aparentemente a distância de Ormuzd era maior do que de Ariman na compreensão do sofrido Schreber. Mas, quando ambos se encontravam a grande distância, “a incapacidade de compreender o homem vivo como organismo” (1903, p. 152) se revelava. “Todas estas representações (tornar-se um idiota) erradas, anteriormente mencionadas, parecem só desaparecer quando Deus se aproxima mais [...]” (1903, p. 153). A incompreensão de Deus e a desconfiança com que o mesmo é tratado pelo desolado Schreber ainda persiste, pois “parece ser impossível o acesso à essência de Deus” (1903, p. 153). “Mesmo para mim é uma questão extremamente difícil esclarecer o fato de que Deus é incapaz de aprender com a experiência” (1903, p. 153) revela o fato da impossibilidade de Schreber de se haver com seu

imperativo categórico totalitário fruto de sua convivência paterno-materna. Assim o infeliz Schreber debate-se com seu totalitarismo projetado, pois “qualquer tentativa de exercer uma influência educativa sobre o exterior deve ser abandonada por ser votada ao fracasso” (1903, p. 154). Também a luta épica deste único homem dirige-se à sua libertação e contra o deus mesquinho e totalitário que não compreende os homens, pois, como homem, conhece a natureza dos homens, ao contrário de Deus. Trata-se do conflito eterno entre a onipotência divina e o livre-arbítrio humano (1903). Enquanto o conflito com o pai ocorre no vínculo real em Kafka (1919), em Schreber ocorre no cenário celestial. Somente pouco a pouco Ormuzd torna-se inofensivo em relação a Schreber, como havia ocorrido com Ariman (1903) ao longo de seu acesso à posição de prostituta sagrada.

O destino das almas provadas revela o progressivo desaparecimento e enfraquecimento das mesmas, fenômeno que se associa ao progressivo desenvolvimento de sua capacidade de anotar e escrever. Escreve então, a partir de 1897, um esboço de suas memórias que denomina *Minha vida* (1903). Estas situações são decorrentes da transformação da *ordem do mundo* descrita no capítulo XIII e seu apaziguamento junto ao seu ser feminino. Paralelamente a estas manifestações de maior adaptação às atividades cotidianas como ler livros e jornais, tocar piano, colecionar partituras e jogar xadrez, as manifestações delirantes e graves ainda se faziam presentes. Caso Deus se retirasse a uma distância muito grande de Schreber, seu sono era praticamente impossível, as vozes, devido a sua intensidade, tornavam-se um martírio insuportável, acrescidas dos urros que emitia para convencer Deus que não estava se tornando um idiota, um animal e não poderia ser abandonado. Talvez esta tenha sido a razão de que, durante dois anos, tenha sido recolhido a alojamentos *para loucos furiosos*, urrando interminavelmente, padecendo sofrimentos indiscrimináveis.

A cisão mental de Schreber é descrita desta maneira:

não pude mais pôr em dúvida o fato de que existia uma humanidade verdadeira, com o mesmo número e a mesma distribuição geográfica que antes. Nesse ponto, apresentava-se a dificuldade de conciliar esse fato com minhas percepções anteriores, que aparentemente indicavam o contrário. Essa dificuldade ainda persiste e reconheço estar diante de um enigma essencialmente não resolvido e provavelmente insolúvel para o ser humano (1903, p. 165).

Tem *certeza absoluta* de que não padeceu de ideias delirantes e ilusões de sentido, pois, para falar como Hamlet, “há algo de podre no reino da Dinamarca,

isto é, na relação entre Deus e a humanidade” (1903, p. 165) e podemos acrescentar, entre o amparo complacente e construtivo e a *pedagogia negra* destrutiva.

A relação com Deus oscila numa ambivalência essencial que condiciona ora os fenômenos sentidos como de acordo com a nova *ordem do mundo*, isto é, de acordo com seu ser feminino e com a volúpia da alma, segundo a qual emergiriam novas criaturas schreberianas, ora como destruição total de sua capacidade intelectual e criativa, o assassinato da alma. Este conflito se expressa no interior do seu sistema delirante. Um dos fenômenos mais notáveis pelo qual este último aspecto se manifesta são *os pássaros miraculados* (1903) que incessantemente lhe falam inculcando no corpo de Schreber palavras decoradas portadoras de veneno de cadáveres oriundos de *almas provadas* ou dos *vestíbulos do céu*. Quando especialmente o deus superior afasta-se de Schreber, atestando com isto sua idiotia, manifesta-se o milagre dos *urros*, provocado essencialmente pelo deus inferior. O mesmo expressa a ambiguidade vivida. Por um lado confirma sua idiotia animal, por outro aponta a um sufocamento das vozes oriundas essencialmente do deus superior, permitindo que o deus inferior, mais consciente de sua necessidade de deixar-se atrair, possa penetrar no seu corpo através da volúpia da alma. As partes destacadas do deus superior, encontrando-se este distanciado, emitem continuamente um lamento através de gritos de socorro, embora logo se ouçam também frases decoradas como “se ao menos cessassem esses malditos gritos de socorro” (1903, p. 168). Qual o sentido de todas estas manifestações? Teriam as mesmas relações com o desamparo infantil aterrorizante propiciado por uma mãe ausente e deprimida e um pai totalitário? Seriam expressões advindas do próprio pai aborrecido com os lamentos do pequeno Daniel Paul?

Os pássaros miraculados ou falantes revelam aspectos peculiares da linguagem fundamental. Têm particular propensão à assonância de palavras, substituindo umas por outras devido a esta característica e não ao sentido das mesmas. Mostram, segundo Schreber, a ignorância de moças tagarelas como notavelmente pondera Freud (1911). Revela-se assim seu primitivo temor de se tornar uma delas, destituída de toda a inteligência e ainda largada como uma prostituta, sob a influência essencialmente do abuso supostamente sofrido por Flechsig. É através destes pássaros miraculados, ou das almas neles inculcadas, que o veneno de cadáver seria inoculado em seu corpo. Isto também explicaria sua incessante coação a pensar.

Schreber começa o capítulo XVI nos dizendo que vai se ater à coação a pensar depois de nos ter relatado as mudanças ocorridas em sua vida ocasionadas

pela “*guerra de extermínio realizada pelos raios divinos contra mim [...]*”⁴ (p. 175). Anoto esta passagem, pois a mesma diz respeito à questão da violência e suas origens inseridas dentro deste estudo e porque, poucas décadas após, fomos testemunhas de uma verdadeira guerra de extermínio.

O conceito de coação a pensar já foi definido no capítulo V como a necessidade de pensar sem cessar, o que lesa o direito natural do homem a uma recuperação espiritual, um repouso temporário da atividade de pensar através do não-pensar, ou, como diz a expressão da língua fundamental, o que traz inquietação ao “subsolo” do homem (1903, p. 175).

Revela-se assim que a situação traumática que o ameaçava, emasculação, idiotia e transformação em uma prostituta, deixavam-no permanentemente atento, com sua atividade intelectual exercida ao ponto máximo. Somente assim conseguiria provar e inibir qualquer atrofiamento de seu pensar. O enfraquecimento de sua mente ocorria por uma incessante hemorragia libidinal que o invadia e ocasionava a impossibilidade de restabelecer sua barreira de contato com o mundo exterior através do sono. A onipresença do objeto perseguidor impedia o infeliz Schreber de separar-se do seu exterior possibilitado exatamente por esta barreira de contato. A inversão da *ordem do mundo* e apaziguamento em relação ao seu ser feminino restabeleceu, em parte, sua economia libidinal propiciando-lhe também um sono restaurador. “Amar o objeto mau, tal é o veredicto ignorado que se impõe ao perseguido” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 100), exatamente porque através do mesmo se configura a defesa da idealização (Castoriades-Aulagnier, 1975) e se constitui a cisão do eu.

O capítulo XVI está repleto de exemplos sobre o esforço que o infeliz Schreber faz para evitar o *assassinato da alma*. Talvez o mais notável exemplo do conflito com um Deus que nada entende de criaturas vivas e, sim, somente de cadáveres, aparece no drama evacuatório de Schreber relatado por Freud (1911) e pelo autor (1903). Certamente nos coloca na pista da pedagogia exercida sobre o pequeno Daniel Paul no que se refere à educação esfínteriana. Conclui Freud acertadamente: “Porém, em seu conjunto, a enfermidade é concebida como uma luta do homem Schreber contra Deus, no qual sai triunfante o débil humano porque tem do seu lado a Ordem do Mundo” (p. 27). Aqui certamente a *ordem do mundo* implica na compreensão da necessidade de evacuar de qualquer ser humano ou animal, pois “a pena quase se recusa a escrever o enorme absurdo, segundo o qual

⁴ Grifos meus.

Deus, em sua cegueira, causada na realidade pelo desconhecimento da natureza humana, chega ao ponto de supor que possa haver um homem que, por burrice, não consiga cagar” (Schreber, 1903, p. 181). Portanto este Deus que “nada conhecia de homens vivos [...] e só tinha relação com cadáveres” (1903, p. 66) coloca-nos diante do assassinato da alma do ponto de vista ontogenético e também diante do primitivo *Urvater* de Freud no seu *Totem e tabu* que nada queria saber dos desejos de seus filhos. Certamente esta foi a experiência vital do pequeno Daniel Paul que não somente teve seus desejos insatisfeitos, mas incompreendidos e inominados. A idiotia permanentemente ameaçadora que recaía sobre Schreber era a consequência da violência do assassinato da alma (a *perfidia* de Deus (1903) que lhe subtraía o lugar de sujeito humano dos seus desejos. Evacuar diz mais respeito aos animais e não aos humanos. A ambivalência diante do assassinato de Deus e, conseqüentemente, a possibilidade da instituição do totem com suas leis (tabus) aparece descrita na página 234 (1903) nas quais, aos homens em geral, portanto ao seu lado humano, cabem as leis de Deus. Alguns exemplos desta dura pedagogia exercida pelo pai podem ser encontrados no livro de Alice Miller (1985).

Piera Castoriades-Aulagnier nos aponta para o fato de que o aparelho auditivo é uma zona erógena que não pode ser obstruída, no começo da vida, por deliberação própria em comparação com outras zonas erógenas. Seria assim esta uma das razões da grande incidência de alucinações auditivas (1975). O descontrole de Schreber em relação às alucinações que o invadem, em particular à série praticamente sem limites de alucinações auditivas, nos apontam para a possibilidade acima assinalada. O ouvido, como zona erógena, foi, desde muito precocemente, fonte intensa de desprazer e dor. Se concordarmos com Castoriades-Aulagnier que qualquer zona erógena nos registros do primário é a “expressão metonímica do peito materno” (1975, p. 92) e, portanto, expressão metonímica do todo psíquico, a desconstituição deste todo aponta em direção à catástrofe do fim-de-mundo (1975), este holocausto da alma. Schreber debate-se permanentemente com tais fatos e almeja poder *não-pensar-em-nada* (retorno ao ventre materno) para desfrutar de paz e tranquilidade, embora fique ameaçado de idiotia. Outras sugestões desta luta incessante encontram-se nesta passagem (1903): “A questão do domínio dos ruídos impondo aos raios certas formas de pensamento de não-pensar-em-nada e conseguindo para meus nervos uma tranquilidade passageira, enquanto passam os trens, barcos a vapor, etc.” (p. 188) encontram respostas compulsivas permanentemente proferidas em voz alta do tipo: “Se ao menos os malditos barcos a vapor e trens parassem de falar” (p. 188). Compreendemos melhor esta problemática quando afirma:

O que a pessoa assim interpelada acabaria por fazer a não ser pôr pela porta afora o interlocutor, com algumas palavras ofensivas bem aplicadas? De fato, é o que eu realmente faria, para defender o direito domiciliar da minha cabeça contra a invasão dos intrusos. Mas, justamente com relação aos raios, isto não é possível, pois não estou em condições de impedir sua influência sobre meus nervos, que é baseada em um poder divino de operar milagres (1903, p. 179).

Trata-se, portanto, de um verdadeiro objeto persecutório que o invade a todo instante e do qual não é possível safar-se (Castoriades-Aulagnier, 1975). Assim o pequeno Daniel Paul sente-se tomado (e impedido de se defender) pela intrusão pedagógica de vozes que impõem posturas e controles impossíveis a sua pequena estatura e, quem sabe, por palavras que transcendem os limites que o eu em formação pode tolerar (deve pensar incessantemente). O que teria ocorrido ao pequeno Daniel Paul no trajeto que implica a percepção de uma sonoridade até a apropriação do campo semântico da linguagem? Não teria se constituído um *prazer de ouvir*, núcleo essencial para o investimento que funda a linguagem, um signo que a voz do Outro oferece? “Que o Outro deseje o desprazer do sujeito está plenamente de acordo com a lógica da fantasia” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 97). Parece ter sido esta a vivência essencial do pequeno Daniel Paul.

No capítulo XVIII evidencia-se um apaziguamento de Schreber, já que tanto Ariman como Ormuzd, exatamente pelo incremento da volúpia da alma, tornam-se mais amistosos. Conclui isto através do milagre de *orientação do olhar* e da permanente comunicação telepática entre ele e os raios divinos (1903). Desta situação decorre o amparo teórico e religioso da sua cosmogonia. Sente-se associado a Deus por uma comunhão de fé.

A recuperação do seu ser (principalmente de sua memória) ocorre através de uma vivência alucinatória, uma voz que lhe diz permanentemente que os conceitos e coisas do mundo pertencem a um *registro acusado*. Por exemplo: “Este terá sido um presidente da Corte de Apelação - registro acusado” (1903, p. 194). Recupera assim registros posicionais que, pelo assassinato da alma e como consequência da mesma, foram dispersos pelo mundo. Denomina tudo isto de *sistema de exame*. Veja-se a descrição desta interessantíssima recuperação de sua memória inserida dentro do delírio:

à aparição de uma borboleta, quase sem exceção, segue-se, em primeiro lugar, a orientação do olhar para o ser em questão, evidentemente recém-

criado, e, em segundo lugar, ressoam nos meus nervos, pronunciadas dentro deles as palavras *Borboleta – registro acusado*, isto é, acreditam que é possível que eu não saiba o que é uma borboleta e por isso, de certo modo, sou inquirido para verificar se o *conceito* de borboleta ainda tem acesso a minha consciência⁵ (1903, p. 194).

Neste momento deparamo-nos com a integração de seu eu através do delírio e da alucinação. Assim, por bondade do seu Deus e através de seus raios milagrosos, lhe é devolvida progressivamente sua memória, o exame da realidade se faz mais acurado e as representações alucinatórias distanciam-se das representações evocadas, critério fundamental para a instituição do juízo de realidade (Freud, 1917). Não estaremos próximos do que constitui a conquista da representação de objeto através da linguagem e de uma comunhão satisfatória da criança com seus progenitores? O que distingue Adão, o primeiro homem-luz, dos anjos celestiais invejosos é o fato de o mesmo nominar as coisas, aliás, dádiva divina conforme nos relata Thomas Mann sobre o mito da queda (1933). Neste mesmo capítulo XVIII, Schreber nos descreve os “milagres do susto e os efeitos do susto [que] poderiam se condensar em homens feitos às pressas e, progressivamente, por etapas, em homens de verdade ou outras criaturas mais duráveis” (1903, p. 196). É surpreendente como podemos considerar a suposição de que tais fenômenos nos revelam de uma maneira ou outra a progressiva distinção que a criança aprende por experiência a fazer entre as representações que se originam da realidade daquelas que emanam das alucinações. É como se a criança se dissesse progressivamente: mas então a mãe existe de fato, não é feita às pressas? Teria a mãe do pequeno Daniel Paul permanecido em grande proporção neste último aspecto?

Uma evidência clara da perda de objetividade-subjetividade que ocorre em Schreber, como, aliás, em paranoicos em geral, é encontrada no capítulo XX quando refere que se sente o centro do mundo e que o testemunho disto é que, ao escutar uma ária ou uma notícia qualquer, “pretende-se que os pensamentos ali contidos sejam os meus próprios pensamentos” (p. 205). Note-se que prevalecem aqui os juízos de atribuição, desmantelando-se o juízo de realidade e perdendo-se o sujeito no universo das atribuições (Freud 1925; Machado, 2011a).

Ao mesmo tempo em que se torna mais capaz de redigir e executar tarefas dentro do ordinário da vida e, em decorrência destes fatos, sendo progressivamente bem tratado pela administração (são desta época suas duas apelações ao Real

⁵ Grifos meus.

Tribunal de Primeira Instância de Dresden), a sensação de bem-estar físico evidencia seu eu cindido. Apropria-se e distancia-se do gozo. Em suas próprias palavras, “É tão intensa que, quando estou na cama, me basta um mínimo de esforço de imaginação para me propiciar um bem-estar dos sentidos, que constitui uma intuição bastante nítida do prazer sexual feminino no coito” (1903, p. 209). Estamos claramente diante do que Freud propõe como cisão do eu (1938), tão bem descrita pelo Dr. Weber e assinalada por Freud (1911). Assim, decorrente desta constelação dos conflitos, Schreber dedica os capítulos finais (XX, XXI, XXII) da autobiografia a relatar sua convivência com a volúpia da alma, decorrente da *nova ordem do mundo*, resultante da progressiva feminização do seu ser e do convívio com o mundo ordinário que o cerca. Este último aspecto refere-se não só o retorno a sua família, a luta diante dos tribunais para reverter sua curatela, como também à pergunta: “O que acontecerá com esta maldita história?” (1903, p. 221). As respostas a esta última questão são de ordem religiosa e dirigem-se à criação de uma nova geração de homens schreberianos, após a emasculação que se fará completa e propiciará que o seu ventre fecundado por Deus os origine. Encontrará, então, a imortalidade, compensação justa pelos seus sofrimentos, assim como a imortalidade de sua obra à maneira de Jesus Cristo. Outro destino talvez intuído, suas memórias serão objeto permanente de investigação por inúmeros estudiosos.

Interessante é refletirmos sobre o destino de sua parte cindida ligada à volúpia feminina. Encontramos tais aspectos preferencialmente no capítulo XXI (1903). O preenchimento do corpo de Schreber por sua parte feminina dá-se com sua aproximação com Deus. Qualquer um, com seus próprios olhos, percebe os seios bastante desenvolvidos: “Mas à parte isso, ousou afirmar que qualquer pessoa que me vir de pé diante do espelho, com a parte superior do corpo desnudada – sobretudo se a ilusão for corroborada por algum acessório feminino – terá a impressão indubitável de um *torso* feminino” (1903, p. 217). E continua:

para mim, esses limites morais da volúpia não existem mais [recorde-se que Schreber se descreve como “um homem criado de acordo com princípios morais extremamente rígidos” (1903, p. 217)]; num certo sentido, eles se transformaram no contrário. Para não ser mal-entendido preciso observar que, quando falo de cultivo da volúpia, que se tornou como que um dever para mim, não quero dizer jamais um desejo sexual por outras pessoas (mulheres) ou um contato sexual com elas, mas sim que represento a mim

mesmo como homem e mulher numa só pessoa, consumando o coito comigo mesmo, realizando comigo mesmo certas ações que visam à excitação sexual, ações que de outra forma seriam consideradas indecorosas, e das quais se devem excluir qualquer idéia de onanismo ou coisa do gênero⁶ (1903, p. 218).

Não deixa de oferecer uma suposição deveras especulativa e interessante sobre a reprodução através da ontogenia de características herdadas filogeneticamente o fato descrito por Schreber como o *fenômeno de desenhar*. Ao mesmo tempo em que favorece diante do espelho a ilusão de que de fato é um ser feminino adornando-se desta forma, sempre que se inclina desenha-se a si próprio (imagina-se) “com um traseiro feminino no meu corpo” (1903, p. 186). A cena primária descrita por Freud, relíquia da cosmovisão totêmica, implica a cena primordial como um “*coitus a tergo, more ferarum*” (Freud, 1918, p. 55-7), isto é, um coito por traz, ao modo das feras.

Encontramos paralelismos desta forma delirante de pensar na alusão de Freud (1920, p. 177-8) ao mito de Platão sobre um terceiro sexo que deveria ser cortado para dar origem aos outros dois: “Estando o ser inteiro cortado em dois, a saudade impeliu as duas metades a se juntarem: elas se abraçaram com as mãos, enlaçaram-se uma a outra no desejo de fundir-se em um só ser”. Freud acrescenta que tal mito pode ser rastreado em várias direções da tradição pitagórica e babilônica. Não é possível deixarmos de acrescentar que tais fenômenos nos remetem à realização de uma fantasia primordial (*Urfantasie*) descrita como o retorno ao ventre materno, certamente a fantasia de fuga do mundo (Freud, 1918). O masculino sofre involução após a fecundação tornando-se essencialmente feminino. O interessante em todas estas situações é que encontramos também paralelismos na biologia. As tênias (*solium* e *saginata*) são essencialmente hermafroditas, pois possuem os dois sexos em um mesmo indivíduo⁷. Cada proglótide colabora com espermatozoides e óvulos e, após a fecundação, o aparelho sexual masculino involui tal qual Schreber nos descreve em seu delírio fusional com Deus (Wikipédia).

⁶ Grifos do autor.

⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tênia>

4 Reflexões finais

“*O partido é Hitler. Hitler é a Alemanha e a Alemanha é Hitler*”. Rudolf Hess (Apocalipse – documentário da TV francesa).

Lembrando a ponderação de Freud (1937) de que “cada construção deve ser considerada apenas como uma conjectura a ser examinada, confirmada ou desestimada” (p. 266), iniciamos estas considerações finais. Em seu trabalho sobre *O homem dos lobos* (1918), Freud preocupa-se com a situação na qual a necessidade do *esquema universal* não encontra, no vivenciar individual, um devido suporte. A impossibilidade de elaboração psíquica vivencial e a prevalência do esquema se dão quando o contexto não oferece as condições necessárias para este encontro, transformando, nas palavras de Castoriades-Aulagnier, a violência primária em secundária (1975). Aquela é revelada através da suposição de uma demanda ou necessidade, enquanto que a segunda aparece sob a forma de um *Diktat* (1975), aspecto, suponho, relevante na compreensão de Schreber. Certamente poderemos compreender este *Diktat* como uma intrusão excessiva ou como uma ausência. Ambas, na minha concepção, são complementares. Assim este *Diktat* transforma-se numa forma de sobrevivência identificatória.

Foi permanente a busca de Freud, em *O homem dos lobos*, do *fato em si* que estabeleceria, juntamente com os outros aspectos (esquemas universais), a verdadeira condição traumática. “As contradições do vivenciar em relação ao esquema parecem aportar uma rica tela aos conflitos infantis” (1918, p. 109). Está lançada, portanto, uma luz muito fecunda nos estudos das psicoses em geral, pois o negativo destas conjunções prevalece grandemente sobre o positivo das mesmas. Pensamos Schreber desta maneira quando contemplamos, no contexto do seu delírio, as supostas vivências do seu mundo infantil.

O trabalho de Alice Miller (1985) que trata das consequências da *pedagogia negra*, nos acrescenta aspectos importantes sobre estas hipóteses e a origem da destrutividade humana. Embora, a meu ver, parta de uma posição algo ingênua quando afirma que “A destrutividade é um fenômeno reativo e não inato [...]” (1985, p. 143) e contesta as posições de Freud e Klein sobre o sentido das hipóteses de pulsão de morte, certamente os demais aspectos vêm ao encontro das proposições de Freud acima citadas, especialmente quando, no vivenciar infantil, torna-se impossível a elaboração traumática. Em Schreber é tão evidente o *real traumático* que não podemos nos negar a entender os delírios descuidando-nos

de tais aspectos. Alice Miller demonstra de uma forma acabada tais proposições no seu estudo sobre Adolf Hitler (1985).

“Todo o existente é um efeito do poder onipotente do desejo do Outro” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 27) parece ser esta a cena primária permanentemente representada em Schreber. Como isto faz parte do *primário* que pertence a todos nós, por que o fracasso em dispor da lógica do *secundário* de uma forma mais adaptativa? Como desejar unir-se a um objeto do qual emana a indiferença ou a violência? Talvez esta seja a condição da possibilidade de elaboração mínima da ambiguidade inata de todos nós: desejo de amar e unir-se ao objeto e desejo de destruí-lo, de não desejá-lo (Castoriades-Aulagnier, 1975). A loucura, portanto, para a autora é uma resposta à violência secundária imposta à criança, propiciadora de que prevaleçam esquemas universais nos quais deve existir o vivencial. A forma de sobrevivência é a identificação com este pai-mãe originário dos *esquemas universais* de onde emana o império completo sobre a vida e a morte.

Sobre este encontro primordial com o contexto é importante que examinemos com atenção os delírios hipocondríacos de Schreber. Ater-nos-emos às propostas que faz Castoriades-Aulagnier, especialmente à hipótese do registro do originário, o pictograma. “A atividade do processo originário é coexistente com uma experiência responsável do desencadeamento da atividade de uma ou várias funções do corpo, originada na excitação das superfícies sensoriais correspondentes” (1975, p. 42). Assim, o pictograma, representante da operação deste sistema originário mostra uma exigência: “o encontro de um objeto sensorial e um objeto exterior” [onde o pictograma] “exibe a particularidade de ignorar a dualidade que o compõe” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 42). É a partir destes conceitos e outras sugestões, especialmente sobre o funcionamento do primário, que tentaremos compreender o significado dos delírios hipocondríacos de Schreber como a ausência de estômago, pulmões, esôfago e outros órgãos, levando em conta que Freud trata a hipocondria como uma *neurose atual* e levanta uma proposição de alterações de órgão na mesma (1914).

Postula a autora citada que

a psique percebe muito precocemente um suplemento de prazer quando a representação é acompanhada com uma experiência real de satisfação, com a condição de que esta satisfação possa proporcionar prazer e não se reduza a acalmar a necessidade [...] O objeto auto-engendrado é representado como objeto que experimenta prazer (1975, p. 44; 314-5).

Fica claro que a ausência de prazer ou o desprazer emana de um objeto incapaz de compartilhar o prazer, isto já pertencendo ao registro do primário. No capítulo XI, nos danos à integridade física por meio de milagres (1903) divisam-se inúmeras descrições que podem receber este suporte de significação. Seus lobos pulmonares durante certo período foram completamente absorvidos e necessitavam ser reconquistados a cada inspiração. Tais fatos se ligam ao “milagre da compressão do peito” e da asfixia transmitida para todo o seu corpo (1903, p. 128-9). Já seu estômago, um neurologista de Viena no sanatório Flechsig substituiu-o por um estômago inferior, um *estômago de judeu* (1903, p. 129). As almas não lhe concediam o prazer dos sentidos associados à ingestão dos alimentos. Podemos compreender que o objeto não usufruía de prazer conjunto ao alimentá-lo? “Muitas vezes, durante períodos mais ou menos longos, vivi sem estômago” (Schreber, 1903, *Op. cit.*), já que o prazer associado à alimentação estava ausente. Assim, “muitas vezes me era fornecido, por milagre, um estômago, por assim dizer, ad-hoc” (*Op. cit.*). Quando lhe era novamente retirado o estômago, graças à volubilidade das almas, “as comidas e as bebidas então ingeridas caíam diretamente na cavidade abdominal e nos quadris, um fenômeno, por mais incrível que pareça, que ficava para mim completamente fora de dúvida dada a clareza da percepção” (*Op. cit.*), ou ao testemunho da ausência de sensações de prazer que deveriam ser percebidas durante a amamentação. “Fui, portanto, pouco a pouco, acostumando-me a uma total indiferença diante de tudo o que se passava no meu corpo” (1903, p. 130). Assim, somente por *milagre divino* sobreviveu, pois, juntamente com os descritos, muitos órgãos foram dilacerados, destruídos ou deglutidos como o esôfago, intestinos, laringe (1903). Se existe uma dissociação corpo e mente (mente da mãe e corpo do pequeno Daniel Paul), esta se apresenta quase fora de dúvidas na vivência de Schreber. Não é senhor de praticamente nenhuma função corporal. Também a dor, se não fratura o sistema de registros, é fundamental para a estruturação das representações do corpo (Freud, 1923). Todas elas são regidas por infundáveis milagres que não contemplam sua participação direta vivencial. Seriam todas estas descrições corolários deste prazer que lhe foi sonogado, desta indiferença vivenciada, pois o prazer do representante é co-extensivo ao prazer do objeto representado? (Castoriades-Aulagnier, 1975). A forma primeira de angústia de castração revela-se por uma angústia de mutilação na qual cabe ao *outro* a responsabilidade do registro do prazer ou desprazer. Esta mutilação amputa também o espaço psíquico de uma função corporal que em si é preservada, mas que fica completamente à mercê do desejo onipotente do *outro* que, especialmente no caso de Schreber, revela-se como uma destrutividade e uma indiferença quase que incomparáveis (Castoriades-Aulagnier, 1975). Inicia-

se assim a jornada vital do infeliz Daniel Paul a defrontar-se com sua alma progressivamente assassinada.

Prossegue Castoriades-Aulagnier afirmando que o *ódio radical* presente desde o início ao lado de seu contrário (Eros e Thánatos) implica em anular (forclusão) toda percepção de necessidade que não investida de libido (ausência completa de prazer). Torna-a inexistente ou, quem sabe, indiferente (Freud, 1915a). Eros sobrevive em Schreber de uma forma rudimentar, pois, ainda que sem estômago em decorrência de que o mesmo lhe fora sonogado, alimenta-se. Talvez a última internação de Schreber no sanatório de Dösen, a partir de novembro de 1907 e que acaba com sua morte em abril de 1911, indique a evolução para uma forclusão completa de suas necessidades corporais, pois escreve em folhas dispersas *milagre, túmulo, não comer*. Juntamente com sua alma, seu corpo é assassinado. Para maiores esclarecimentos remeto o leitor ao trabalho introdutório *Memórias de um doente mental* de Marilene Carone (1995): “Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura” (p. 2). Trata-se do “desejo de não ter desejo”, concepção da pulsão de morte de Piera Castoriades-Aulagnier, (1975, p. 46).

Salta-me insistentemente uma pergunta: por que Schreber perseguiu incessantemente a *volúpia da alma* cujo apogeu se revelaria através do seu corpo feminino e sagrado? Apesar da grande ambivalência sentida em relação ao seu Deus, pois toda aproximação contém em si mesma a possibilidade de destruição, como muito bem descreve Schreber no capítulo XIII, podemos perceber que o que lhe foi sonogado foi tentado ilusoriamente ser restabelecido através de sua fusão incestuosa com Deus. “Mas a atração perdia o caráter apavorante para os nervos em questão se, e à medida que, ao penetrarem no meu corpo, nele encontravam a sensação da volúpia da alma, da qual, por seu turno, eles tomavam parte” (1903, p. 149). Podemos também entender esta busca incessante de volúpia como uma derradeira defesa contra o *assassinato da alma*, isto é, o assassinato do sujeito Schreber. Freud (1928) sugere que qualquer vício tem como seu âmago um núcleo masturbatório incessante. São inúmeros os testemunhos da masturbação nas *memórias* de Schreber. Seria este o prazer que lhe fora sonogado dos quais seus delírios hipocondríacos são também os testemunhos, impossibilitando uma representação de corpo mais estruturada? Esta atividade, ao mesmo tempo que o vitaliza, o exaure através de sua intensidade incessante.

Se, de acordo com Freud (1914), grandes quantidades de libido homossexual foram mobilizadas para a formação do ideal-de-eu narcísico “e encontram nas atividades necessárias para a conservação desse ideal um meio de escoamento e satisfação” (1903, p. 114), compreendemos que amar e ser amado (Freud, 1914) constitui fenômeno de capital importância para a constituição do eu. Certamente

o débil eu do pequeno Daniel Paul careceu desta troca, pois, num primeiro momento, confundia-se com Deus (pai) e, num segundo momento, em consonância com a libido homossexual retirada do objeto, confundia-se com a mulher de Deus (mãe), tentando organizar tanto o subtraído de sua vivência com o pai como o subtraído com sua própria mãe ausente, esta última subtração certamente mais regressiva que a primeira. Com uma formação do supereu mal constituída, Schreber foi impossibilitado de constituir uma verdadeira subjetividade: “Acrescento, em caráter de suposição, que a formação e o fortalecimento dessa instância observadora poderia conter a gênese posterior da *memória subjetiva* e do *fator temporal*, que não se aplica a processos inconscientes⁸ (Freud, 1914, p. 129).

Estranho destino o do corpo, e pleno de conseqüências: com efeito, o corpo, ao mesmo tempo em que é o substrato necessário para a vida psíquica, o abastecedor dos modelos somáticos aos quais recorre à representação, obedece a leis heterogêneas às da psique (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 46).

Este outro, o corpo, é, desde o início, local privilegiado de todo desejo, inclusive de destruição. Se não for erotizado adequadamente, resulta que a psique o destrói. Podemos evidenciar tais aspectos nas frequentes automutilações em pacientes psicóticos. Nos delírios hipocondríacos de Schreber penso que contemplamos os testemunhos pictográficos implícitos no âmago da representação do primário, para utilizar a expressão de Castoriades-Aulagnier, destas situações. Se a psique autoengendra o prazer recebido por suas percepções sensoriais, o desprazer provoca a mutilação da zona e do órgão do qual se originam tais representações (Castoriades-Aulagnier, 1975). Importante também salientarmos que estas são reconstruções hipotéticas baseadas em sistemas referenciais específicos, portanto sujeitas a críticas variadas, principalmente porque nos referimos, como salienta Castoriades-Aulagnier (1975), à experiência pictográfica que é indizível em si própria e dela só nos aproximamos com uma linguagem posteriormente adquirida. Assim, para a autora citada (1975), o originário contempla duas lógicas: o abismo da fusão com *outro* ou o assassinato de si mesmo e do *outro*. Podemos contemplar no texto schreberiano inúmeras oscilações deste tipo.

Trata-se, portanto, de uma mutilação e destruição de uma zona-objeto indissociáveis que é representada por um *peito mau*, por uma *boca má*, ausência,

⁸ Grifos meus.

defeito ou excesso do objeto-zona: “Nesta mutilação de uma zona-função fonte de prazer se observa o protótipo arcaico da castração que o primário terá que remodelar” (Castoriades-Aulagnier, 1975, p. 55). Portanto, como protótipos da castração, deparamo-nos com a mutilação múltipla de inúmeros órgãos em Schreber, já que este tipo de representação precede o da castração propriamente dita. Dado que, como já foi dito, os órgãos e funções são basicamente frutos de milagres, como o eu de Schreber poderia protegê-los? Se os recebe do seu onipotente Deus ou de seus representantes, os mesmos lhe sendo sonogados e retirados num momento seguinte, de que modo preservá-los como constituintes do eu? É também perfeitamente evidente a presença de um pai paranoico e de uma mãe ausente que não pode protegê-lo e libidinizá-lo, cujo exercício de poder sobre o pequeno Daniel Paul tornou-se abusivo e certamente foi determinante na eclosão de sua psicose paranoide.

O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que *foi imposto a partir de fora*, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal⁹ (Freud, 1914, p. 117).

Freud (1914) prossegue nesta linha de raciocínio e acrescenta que o ideal, se não for constituído devido às condições difíceis impostas pelo censor, por considerar que parcelas dessa satisfação são consideradas intoleráveis, desvia a corrente sexual para a perversão: “Ser novamente o seu próprio ideal, também no que diz respeito às aspirações sexuais, tal como ocorreu na infância, esta é a felicidade que as pessoas querem alcançar” (Freud, 1914, p. 118). Certamente são estes os ideais que foram sonogados ao pequeno Daniel Paul, pois, em sua psicose, ora luta mortalmente com seu Deus, ora funde-se com o mesmo numa incessante volúpia da alma. E, finalmente, o feminino desta mesma volúpia toma conta do seu ser numa nova *ordem do mundo*, tornando-se a mulher de Deus e gerando uma nova raça de schreberianos. Daí, portanto, seus anseios identificatórios: “Onde houver *obstáculos reais* à satisfação narcísica, o ideal sexual poderá ser utilizado como satisfação substitutiva”¹⁰ (Freud, 1914, p. 118).

Divaguemos um pouco mais sobre as considerações de Freud (1914) a respeito da hipocondria. Se a mesma *deve ter razão* assim como os delírios, isto se deve à erogeneidade em geral dos órgãos do corpo que são *sexualmente*

⁹ Grifos meus.

¹⁰ Grifos meus.

excitantes em direção à vida psíquica, portanto necessitam de representação. “Agora, basta que arrisquemos apenas mais um passo: podemos considerar que a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, nos referir a um aumento ou redução da erogeneidade em determinada parte do corpo” (p. 105). Assim como Freud, arrisquemos um novo passo. Para que o órgão adquira o status de representação psíquica e decante-se em profundas representações psíquicas inconscientes conquistadas por simultaneidade (1950) constituintes da representação de corpo, é necessário que sua representação psíquica contenha a transformação de libido de objeto em libido narcisista em senso lato. Se isto não ocorrer, é como se o órgão clamasse incessantemente por atenção, necessitando ser investido ou ligado pelo estímulo que se origina no contexto. Todo o corpo de Schreber clama por um toque não existido para ser instituído como representação psíquica profundamente inconsciente constituinte do eu corporal.

Creio que seriam estes os fatores que deveríamos levar em conta para explicar os processos subjacentes à hipocondria, e penso que tais fatores podem estar produzindo o mesmo efeito sobre a distribuição da libido que seria produzido por um adoecimento material dos órgãos (Freud, 1914, p. 105).

Estaria, portanto, explicada a hipótese de Freud de que as neuroses de transferência apontam a um represamento de libido de objeto, enquanto que as da hipocondria e psicoses em geral ao represamento da libido do eu (Freud, 1914) cuja consequência revela-se na grande dificuldade representacional que o Eu dispõe, na prevalência da pulsão de morte e sua irrepresentabilidade.

“É possível que o aspecto decisivo para o surgimento do desprazer não seja a magnitude absoluta do processo calcado sobre a matéria, mas sim certa função dessa magnitude absoluta” (Freud, 1914, p. 105). Não deixa de ser enigmática a afirmação sobre esta *certa função*. Talvez alcançássemos certo esclarecimento se inferíssemos que a transformação desta magnitude em *certa função* ocorresse exatamente pela contínua transformação de libido de objeto em libido narcisista do eu facilitada pelo contato oriundo do contexto: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (Freud, 1914, p. 106). Assim é necessário que acrescentemos à ação específica a vivência de satisfação, esta última implementada pela libido. Tais impedimentos certamente são facilitados pelas ausências ou intrusões excessivas do contexto que impedem a ação devida de Eros.

O aparelho psíquico presta assim inestimáveis benefícios à saúde com sua constante capacidade de criar representações, sua permanente transformação de quantidades em qualidades. Mas se, por qualquer interferência que ainda não compreendemos bem, o mundo exterior, como no caso de Schreber, passa a ser inexistente (fim-de-mundo), sendo, portanto necessária a criação de outro mundo alucinado, podemos também supor que esta catástrofe apenas repete uma já vivida em tempos pretéritos, isto é, a ausência de um sustentáculo externo que lhe permita a elaboração e não o conduza à alucinação permanente como forma de sobrevivência.

Certamente ampliaríamos nossos pontos de vista se aceitássemos duas suposições de Jacques Lacan citadas no livro 1 dos *Seminários* (1953-4). Remetendo-nos à questão da filogênese, diz que o “supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição” (p. 123). Também refere que “há na psicose alucinatória crônica do adulto uma síntese do imaginário e do real, que é todo o problema da psicose” (p. 125). Ainda neste capítulo VIII do livro 1 de Jacques Lacan encontramos varias referências ao comportamento agressivo do menino Roberto e sua identificação com o animal (lobo) e a assunção à posição humana de bípede. Certamente essas descrições nos remetem aos urros de Schreber e a sua identificação animal. Não podemos esquecer as proposições de Freud (1930, cap. IV) sobre a instituição do recalçamento *orgânico* quando da conquista da posição bípede pelos hominídeos instituindo a prevalência dos sentidos distais da vista e do ouvido em detrimento do olfato. Isto é, exatamente a prevalência da palavra e a abertura para o registro simbólico. Os relatos pormenorizados dos instrumentos de postura idealizados pelo pai de Schreber (Niederland 1974) nos colocam diante da evidência que esta postura bípede não foi conquistada pelo pequeno Daniel Paul, foi-lhe imposta de uma maneira intrusiva e abusiva com instrumentos e ordens faladas.

O estudo detalhado sobre Schreber se impõe como uma apreciação contemporânea sobre a origem da violência como inúmeros psicanalistas e filósofos o fizeram e o fazem. Esta seria uma sequência interessantíssima desta reflexão aqui iniciada. Infelizmente, dado o escopo desta comunicação, que já se alonga excessivamente, terá que ser deixada para outro momento. □

Abstract

Schreber, a study on paranoia and violence

This study reviews essential points of Schreber's autobiography, mainly based upon his memories, and correlated to the works of many authors such as Freud,

Castoriades-Aulagnier, Lacan, Santner, Arendt, Carone, Zizek and others. The topic deals with paranoia and the origin of violence, from the standpoint of ontogenesis as well as phylogenesis. The consequences of abuse are carefully examined, in a broad sense, as well as the consequences of trauma and its impossibilities of working-through with the return of the forcluded and the split of the ego.

Keywords: Schreber, paranoia, homosexuality, aggressiveness and violence, projection, working-through, foreclosure.

Resumen

Schreber, un estudio sobre la paranoia y la violencia

El presente trabajo visa a una recapitulación de puntos esenciales de la autobiografía de Schreber, basada principalmente en sus memorias y relacionada con obras de varios autores como Freud, Castoriades-Aulagnier, Lacan, Santner, Arendt, Carone, Zizek y otros. El tema se relaciona con la paranoia y el origen de la violencia, vista tanto desde la mirada de la ontogénesis como de la filogénesis. Se examinan con cierta atención las consecuencias del abuso en un sentido amplio y del trauma y sus imposibilidades de elaboración con el retorno del forcluido y la escisión del yo.

Palabras clave: Schreber, paranoia, homosexualidad, agresividad y violencia, proyección, elaboración, forclusión.

Referências

- Arendt, H. (1970). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- Brunel, P. (1988). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Carone, M. (1995). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In D.P. Schreber. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castoriades-Aulagnier, P. (1975). *A violência da interpretação*. Buenos Aires: Amorrortu, 1977.
- Eliade, M. (1954). *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 2007.
- Freud, S. (1911). Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente (Schreber). In S. Freud, *Obras completas* (Vol.12). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

- Freud, S. (1912-13). Totem y tabu. In S. Freud, *Obras completas*, (Vol.13). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915a). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915b). O inconsciente. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 2, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1917). Suplementos metapsicológicos à teoria dos sonhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 75-98). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1918). Da história de uma neurose infantil (O homem dos lobos). In S. Freud, *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1920). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1923). O eu e o id e outros trabalhos (1923-1925). In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 3, p. 13-92), Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2007.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1925). A negativa. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1927). *O humor*. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1928). *Dostoievski e o parricídio*. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na cultura. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1937). Construções em análises. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1938). A cisão do eu no processo de defesa. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 171-179). Rio de Janeiro: Imago, 2007.

- Freud, S. (1950). Carta 52 a Fliess. In S. Freud, *Obras completas* (Vol.1). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Hamilton, E. (1942). *A mitologia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1992.
- Hess, R. *Apocalypse. Redescobrimo a segunda guerra mundial*. France télévision. Publicação e distribuição Logon.
- Kafka, F. (1919). *Carta ao pai*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- Lacan, J. (1953-4). *O seminário, livro 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- Machado, R. (2011a). Reflexões sobre os dois princípios do acontecer psíquico e algumas relações com o Projeto de Psicologia e trabalhos posteriores. *Revista de Psicanálise da SPPA*,18(1):145-161.
- Machado, R. (2011b). Recalcamento e filogênese: sobre a saga do conde Drácula. *Revista de Psicanálise da SPPA*,19(3):519-542.
- Mann, T. (1933). *José e seus irmãos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- Mann, T. (1947). *Doutor Fausto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- Miller, A. (1985). *Por su próprio bien*. Barcelona: Tusquets, 1992.
- Niederland, W. (1974). *O caso Schreber*. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- Santner, E. (1996). *A Alemanha de Schreber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Schreber, D.P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- Wikipédia, a enciclopédia livre. *Tênia*. Recuperado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tênia>. Acessado em 2012.

Recebido em 22/08/2012

Aceito em 23/01/2013

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail:roaldomachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

